

ENTREVISTA

O NEGACIONISMO E A
HISTORIOGRAFIA
BRASILEIRA

Entrevista com Alexandre Avelar

BRUNA SILVA

Universidade Estadual do Centro Oeste
Guarapuava | Paraná | Brasil
brunasilva@unicentro.br
orcid.org/0009-0008-4864-6309

DIEGO JOSÉ FERNANDES FREIRE

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba
Catolé do Rocha | Paraíba | Brasil
diego.freire@ifpb.edu.br
orcid.org/0000-0001-7651-5164

LARA ABREU VASCONCELOS ALMEIDA

Universidade Federal de Ouro Preto
Mariana | Minas Gerais | Brasil
lara.vasconcelos@aluno.ufop.edu.br
orcid.org/0009-0008-4481-7633

O corrente texto traz a transcrição de uma entrevista realizada com o historiador Alexandre de Sá Avelar a respeito do dossiê, publicado em 2021, da Revista Brasileira de História (RBH) sobre o negacionismo, tema que vem ocupando a sociedade brasileira já há alguns anos. Além de historicizar esta produção, entendendo-a como um marco da produção acadêmica nacional, o documento a seguir apresenta a trajetória do entrevistado, bem como suas reflexões e posições ante ao fenômeno do negacionismo e dos negacionistas. Ele é aberto com uma rápida introdução que visa contextualizar as condições particulares em que a entrevista ocorreu.

Em meados de 2021, no ano II da Pandemia do Coronavírus, a Revista Brasileira de História (RBH) trouxe à tona uma aguardada publicação: o dossiê “Negacionismos E Usos Da História”, Volume 41, Número 87. Organizado por Alexandre Avelar, Berber Bevernage e Patrícia Valim¹, o material representou a primeira vez que um periódico nacional científico de alto estrato dedicou um número inteiro à temática do negacionismo. O assunto, angustiosamente vivenciado à época no espaço público, tinha até então sido tratado apenas lateralmente por revistas acadêmicas da grande área de Humanas. Aqui, destacam-se duas publicações, ambas do ano de 2020, ligadas aos periódicos *hydra* e *INTER-LEGERE*².

A primeira, uma revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), lançou um dossiê intitulado “A história vai ao público: universidade, sociedade e negacionismo”. Por sua vez, a outra, pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), publicou “Crítica da Razão: sociologias do (des)conhecimento”. Em ambas as revistas, a temática do negacionismo dividiu espaço com outras matérias no interior do próprio dossiê, tais como a Universidade, o engajamento intelectual e a ciência moderna. Diferentemente, a publicação da RBH estampou robustas páginas integradas ao exame do negacionismo, enfrentado diretamente e por diferentes ângulos de análise. Não à toa, contrariamente ao que ocorreu com os números da *hydra* e *INTER-LEGERE*, todos os textos da sessão específica explicitaram no título uma referência direta ao termo negacionismo.

Além deste pioneiro e importante esforço, pode-se assinalar ainda que o Volume 41, Número 87 da RBH marca uma virada importante no cenário intelectual brasileiro a respeito das reflexões em torno do negacionismo. Como é possível inferir a partir dos estudos de Odilon Caldeira Neto (2009) e Luis Edmundo de Souza Moraes (2011), a discussão acerca do fenômeno adentrou nos trópicos nacionais pela via da negação do Holocausto (Shoah), realizada por grupos neonazistas de extrema direita, semelhantemente ao que ocorreu na Europa da segunda metade do século passado, notadamente em países como Alemanha, França e Inglaterra. Como exemplo desta recepção brasileira, registre-se o famigerado caso da editora gaúcha Revisão, que entre os anos 1980-1990 patrocinou livros nos quais se defendia a inexistência do genocídio do povo judeu durante o domínio de Hitler.

¹ Alexandre Avelar é professor da Universidade Federal de Uberlândia, pesquisador do Cnpq e autor de vários artigos sobre a escrita biográfica da história. Berber Bevernage é professor de Teoria da História na Universidade de Gante (Bélgica), fundador da Rede Internacional de Teoria da História e autor do livro *História, memória e violência de Estado: tempo e justiça*. Patrícia Valim é professora do curso de História da Universidade Federal da Bahia, idealizadora e coordenadora da série histórica “Mátria Brasil” e autora de diversos textos sobre a Conjuração Baiana de 1798.

² O dossiê da *Hydra* foi organizado pelos próprios estudantes do Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP. Já o da *INTER-LEGERE* foi uma iniciativa dos sociólogos Alyson Thiago Fernandes Freire e Lucas Trindade.

Indo além desse caso, mas sem deixar de contemplá-lo, “Negacionismos e Usos Da História” ampliou a discussão, trazendo outras situações, pouco consideradas no debate público nacional. Nesse sentido, apareceram textos a respeito do negacionismo japonês referente aos crimes cometidos na Segunda Guerra Mundial (Mario Marcello Neto), do negacionismo nos discursos sobre a formação histórica do estado do Ceará que obliterou negros e indígenas (Edson Holanda Lima Barboza e Silvana Fernandes Mariz) e da atuação negacionista de Sergio Moro à frente da Operação Lava jato (Mateus Pereira e Daniel Pinha). Não à toa e coerentemente, o termo “negacionismo” foi pluralizado no título do dossiê, haja vista a diversidade de realidades negacionistas examinadas. A própria definição do fenômeno evidenciou tal enfoque alargado: “um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis” (Avelar; Bevernage & Valim 2021, 15). Uma última iniciativa presta-se bem para aquilatar a singularidade e o valor da iniciativa em foco. Entre 07 de outubro de 2020 e 21 de outubro do ano seguinte, ou seja, durante mais de um ano, Alexandre Avelar e Patrícia Valim, incentivados por Valdeci Lopes de Araújo, o editor chefe da RBH na época, coordenaram *lives* de divulgação do dossiê. Os encontros *online*, transmitidos pelo *Youtube*, contaram, inclusive, com a presença de renomados intelectuais públicos, tais como Vladimir Safatle, Djamila Ribeiro e Márcia Tiburi. Alguns autores e autoras que publicaram no Volume 41, Número 87 também participaram, bem como diversos historiadores e historiadoras especializados em temas relacionados ao negacionismo. Assim, pode-se dizer que “Negacionismos E Usos Da História” mobilizou parte expressiva da intelectualidade brasileira, em um esforço pouco visto das energias intelectuais no Brasil contemporâneo dos últimos anos.

Como entender todo esse engajamento intelectual? De que maneira pode-se explicá-lo? Por que a temática do negacionismo mobilizou tão dramaticamente corpos e mentes da *intelligenza*, de modo geral, e da historiografia brasileira, particularmente? Que papel não só a pandemia do coronavírus, como as redes sociais digitais, tiveram neste íterim? E o que dizer da conjuntura global de crise da democracia, evidente já na segunda década do século XXI e eloquentemente demonstrada pela escalada golpista do governo Bolsonaro? Todas essas e outras questões podem ser levantadas, ao contemplar todo o empreendimento intelectual da Revista Brasileira de História aqui sumariado. Diante disso, julga-se oportuna a corrente entrevista com um dos organizadores do referido dossiê, Alexandre Avelar³, elucidando mais alguns aspectos relevantes da empreitada, como sua origem, motivação, expectativa, tensões, relações institucionais etc., bem como da própria trajetória e das ideias do entrevistado. Como se verá, a entrevista procurou

³ A entrevista faz parte do acervo documental do *Observatório do Negacionismo*, de modo que, futuramente, pretende-se publicizar tal documentação.

igualmente discutir o negacionismo, seja conceitualmente, seja em termos de sua recepção pela historiografia brasileira. A ideia foi tanto historicizar “Negacionismos e usos da História” quanto detalhar e alargar a reflexão proposta pelo periódico, a partir da fala de um dos seus editores, proporcionando à comunidade acadêmica nacional uma entrevista que não só documenta um empreendimento editorial pioneiro, como também discute o fenômeno do negacionismo, tema ainda em voga na atualidade. Assim, o interesse por ela pode ser duplo, isto é, de pesquisadores e pesquisadoras relacionados ao tema e de cidadãos e cidadãs interessados em entender o admirável mundo novo da contemporaneidade.

Por fim, cumpre apontar que a entrevista que se segue foi realizada no âmbito do Observatório do Negacionismo, plataforma digital criada em 2022 pelo historiador Pedro Ivo Teixeira, voltada para atuar no debate nacional por meio da promoção de pesquisas e análises que contribuam para a compreensão e o enfrentamento do fenômeno do negacionismo científico, em geral, e da negação de acontecimentos e processos históricos, em particular⁴. Quando da entrevista, realizada no dia primeiro de fevereiro de 2023, o Observatório do Negacionismo (que então completava um ano de existência) era coordenado por Bruna Silva e Diego José Fernandes Freire, os quais, juntamente com Lara Abreu Vasconcelos Almeida, foram os responsáveis pela interlocução com Alexandre Avelar. Tal conversa ocorreu via *Meet*, onde inclusive foi gravada, para logo depois ser transcrita e editada pelos nomes citados. Segue, então, a entrevista, com a certeza de que proporcionará a todas as pessoas uma leitura não só aprazível, como também instrutiva e histórica.

Observatório do Negacionismo

Bom dia. Estamos no dia primeiro de fevereiro de 2023, às 9h em ligação via *Meet* pela plataforma *Google*, para fazermos uma entrevista com o professor Alexandre Avelar. Essa entrevista faz parte do levantamento documental realizado pelo *Observatório do Negacionismo*, coordenado pelos historiadores Diego José Fernandes e Bruna Silva. Ela é parte da programação comemorativa do Observatório. Vamos dar início agora a nossa entrevista com o professor convidado Alexandre Avelar, a quem agradecemos desde já o aceite. Professor, como se deu a sua escolha pela carreira de historiador?

Alexandre Avelar

Bom dia, colegas do Observatório. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente ao convite que me foi feito para essa entrevista. É uma grande alegria poder conversar com vocês, cujo trabalho eu tenho acompanhado com bastante atenção. Aproveito também para parabenizá-los pelo primeiro ano de existência e que venham muitos outros. Então, de fato, para mim é uma

⁴ Para mais informações sobre a ação, consultar a página no Instagram: @Observatóriodonegacionismo.

deferência. Essa sua primeira pergunta é sempre interessante porque, se feita há uns dez anos, talvez a resposta fosse diferente, uma vez que as nossas memórias vão sendo reconfiguradas com o tempo. Hoje eu diria que foram algumas circunstâncias que me levaram a escolher ser historiador e a ingressar no curso de História. Acho, que em primeiro lugar, eu nutria, um certo interesse - obviamente difuso e bastante condicionado pelo momento da minha vida na adolescência e no início de fase adulta - pelo passado. Isso não era um interesse de um “mini historiador”, mas a percepção de que o passado é uma dimensão constitutiva da nossa identidade. Com isso, eu também não quero fazer nenhum tipo de tentativa de produzir uma *ilusão biográfica*⁵, isto é, aquela ideia de que nas nossas manifestações da infância e da adolescência já poderíamos perceber o que seria o adulto. Mas, de fato, essa dimensão do passado como constitutiva do que somos era algo que me despertava interesse naquele momento. Outra coisa que também me parecia importante ali no início dos anos 90, quando ingresso no Ensino Médio e começo a me preparar para a Universidade em um período politicamente bastante delicado: a eleição do Collor,⁶ o início do primeiro governo eleito por voto direto desde a redemocratização com toda a turbulência política que se seguiu. Então, os anos 1990, o início da primeira metade dos anos 90, foram politicamente bastante movimentados e isso me causava também uma certa curiosidade por conhecer os processos históricos que, afinal de contas, desembocavam naquela conjuntura política bastante conturbada. E acho que, por fim, uma certa politização na vida familiar, por conta, sobretudo, dos meus irmãos, que eram mais velhos. Essa politização em casa, de certo modo, também contribuiu para essa minha decisão pela História. Analisando retrospectivamente, eu penso que foi um conjunto de fatores que me levou à escolha pela graduação em História.

Observatório do Negacionismo

A próxima pergunta adentra mais um pouco em sua formação acadêmica. Alexandre, como foram seus anos de formação acadêmica? O tema do negacionismo estava presente ao longo dos seus anos de formação?

Alexandre Avelar

Eu fiz a graduação e o mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF). Então, vistos em conjunto e em retrospectiva, eu tive uma formação, pensando sobretudo na graduação, que passava por um momento de transformações curriculares importantes, sobretudo no campo de história do Brasil, em que víamos crescer o interesse pelos períodos históricos mais recentes, como o republicano. Naquele contexto, portanto, acompanhávamos a emergência de uma certa história do tempo presente ou do passado recente. A UERJ tinha também uma formação que privilegiava bastante a reflexão teórica. Lembro-me de ter cursado muitas matérias de teoria e hoje eu sou ligado justamente ao campo do que chamamos de teoria da história ou história da historiografia. Nós também

⁵ Referência ao texto clássico do sociólogo francês Pierre Bourdieu, segundo o qual contamos nossa história de vida imaginando uma linearidade teleológica, justificando assim nossas escolhas do e no presente (2006).

⁶ Fernando Affonso Collor de Mello, candidato presidencial às eleições de 1989, foi eleito no ano seguinte em uma forte e polêmica disputa eleitoral com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

tínhamos uma preocupação importante quanto ao arquivo, com disciplinas de arquivística. Decerto, o curso tinha deficiências típicas de um certo momento, uma vez que, por exemplo, nem todos os nossos professores possuíam doutorado. Estou falando do início dos anos 1990, da primeira metade dos anos 90 (o início da minha graduação foi em 1994). Mas eu vejo que foi uma formação que estava em sintonia com as transformações do campo historiográfico e o nosso currículo era, naquela conjuntura, bastante arejado e atento a esse momento de profundas mutações disciplinares. E quanto a presença do negacionismo, é um detalhe interessante porque eu diria que era praticamente uma não questão. O máximo que fazíamos era discutir periféricamente os negacionistas do Holocausto, que eram, até então, a nossa referência sobre o que era o negacionismo. Então, eu diria que a presença do negacionismo nas minhas aulas na graduação foi bastante superficial. A gente lia algo do Pierre Vidal Naquet; eu lembro de ter lido *Os assassinos da memória*. Mas, mais do que isso, realmente não, nada além. Recordo-me ainda de um minicurso que fiz em um simpósio da ANPUH regional, no Rio de Janeiro, em 1996, que foi ministrado pelo professor Francisco Carlos, da UFRJ⁷, um curso sobre fascismo e neofascismo em que, aí sim, discutimos com um pouco mais de profundidade os negacionistas, mas sempre vinculado, sempre relacionado ao negacionismo do Holocausto, que era de fato o paradigma do que chamávamos de negacionismo. Em síntese, o negacionismo não era uma questão com a qual nos preocupávamos muito durante a graduação. Eu acho que isso tem, evidentemente, a ver com uma certa conjuntura política e intelectual no qual o fenômeno negacionista era bastante restrito a grupos minoritários, de maneira que isso não produzia um reflexo muito acentuado nas nossas disciplinas. Não me ocorre nenhuma lembrança, em especial, de alguma discussão mais densa sobre o negacionismo durante a graduação.

Observatório do negacionismo

Nossa próxima questão diz respeito a um ponto que apareceu na sua fala, que é a ANPUH, a Associação Nacional dos Historiadores e Historiadoras. Como você teve os primeiros contatos com a ANPUH? Você já ocupou algum cargo na Associação?

Alexandre Avelar

Uma das primeiras questões que nos apresentavam desse universo do historiador era justamente a existência da ANPUH. Logo no início da graduação, nós já tomávamos contato com a Associação, com o que ela era, o seu papel, a sua importância. E isso nos era mostrado, principalmente, através dos embates pela regulamentação da profissão de historiador, que não era uma novidade nos anos 90. Essa luta pela regulamentação da profissão de historiador já era antiga. Mas, naquele momento, a ANPUH nos era apresentada a partir dessa batalha pela regulamentação da profissão. Isso foi um fator importante na nossa formação, no entendimento do papel das associações, da necessidade de nos associarmos, de pensarmos coletivamente o que era o papel do historiador na sociedade e de toda a importância da ANPUH neste debate. Eu jamais cheguei a ocupar um cargo de direção na ANPUH. Eu integrei o Conselho Editorial da Revista

⁷ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Brasileira de História, durante a gestão da professora Joana Pedro⁸. Mas não tive nenhum cargo diretor, preferi sempre permanecer nos bastidores da Associação, conversando sempre com os colegas e participando coletivamente da construção de determinadas chapas. Mas cargos efetivos de direção eu nunca cheguei a ocupar.

Observatório do Negacionismo

Vamos agora, Alexandre, entrar mais propriamente no dossiê que você organizou na RBH, junto com a Patrícia Valim e o Berber Bevernage. Como foi o início deste processo de organização do volume 41, número 87 da Revista Brasileira de História?

Alexandre Avelar

A revista lançou uma chamada pública para proposição de dossiês. Patrícia e eu já tínhamos escrito um artigo, publicado na *Revista Cult*, em que ensaiamos, dentro dos limites daquele tipo de publicação, uma compreensão do conceito de governamentalidade negacionista.⁹ Vimos então a possibilidade de expandir essas reflexões através do dossiê, que demandava, pelas próprias exigências editoriais da ANPUH, um colega estrangeiro na coordenação desse número. Já possuíamos uma certa interlocução com Berber Bevernage e enviamos a proposta. Ela nasce, portanto, de uma chamada aberta pela revista. A proposta foi selecionada e gerou um dossiê que teve uma certa importância na circulação do debate sobre o negacionismo.

Observatório do Negacionismo

Em uma das suas respostas, você mencionou esse deslocamento da temática do negacionismo, ou seja, de uma não questão na sua formação para o momento atual, onde é uma questão muito importante. Sendo assim, como o contexto internacional e nacional influenciou na escolha do tema, na proposição do tema do dossiê?

Alexandre Avelar

Sem dúvida, o negacionismo se tornou uma questão muito importante, sobretudo a partir da primeira década do século XXI, com ascensão cada vez mais preocupante de uma extrema direita que faz uso sistemático da negação da realidade não apenas como um expediente político, mas como uma forma de gestão mesma da política (essa é a tese da governamentalidade negacionista que procuramos defender). Então, ao mesmo tempo, nós já assistíamos colegas de outros campos debatendo com profundidade o negacionismo (eu penso sobretudo no pessoal da antropologia e da psicologia, que já realizava um debate bastante denso sobre o assunto). Logo, uma certa conjunção política e intelectual, penso, nos animou a propor o dossiê. O dossiê foi uma chamada aberta, como eu disse. Então certamente ele foi estimulado por essa conjuntura política de ascensão da extrema direita, da crescente capilaridade do

⁸ Historiadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, foi presidenta da ANPUH nacional durante o biênio 2017-2019.

⁹ O referido artigo pode ser lido em <<https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/>>. Acesso em 07 fev 2023.

negacionismo, que não pode ser desvinculado do papel das mídias sociais, do impacto da *internet*. Tudo isso nos despertou. De certo modo, nós, historiadores, fomos empurrados para o negacionismo. Mais do que escolhermos estudar o negacionismo, talvez o contrário seja mais verdadeiro: o negacionismo nos escolheu naquele momento. Eu mesmo não tenho uma trajetória nesta área de estudos, já que meu trabalho acadêmico não era, até 3, 4 anos atrás, vinculado ao negacionismo. Eu tenho uma trajetória de pesquisas no campo da teoria da história, da história da historiografia, ligada às relações entre escrita da história e escrita biográfica. Mas eu acho que, de certo modo, a conjuntura nos impulsionou a dar respostas a um fenômeno que nos preocupava, do ponto de vista intelectual, mas sobretudo do ponto de vista político. Então me parece que essa conjuntura é indissociável do interesse pelo tema, essa conjuntura de ascensão da nova direita e dessa extrema direita, cujos traços abertamente fascistas hoje vemos com mais clareza.

Observatório do Negacionismo

Agora, já que adentramos na temática do negacionismo propriamente, como é que você, Alexandre, o definiria? Como é que você o entende? Por que você acredita que ele tenha se difundido tanto no espaço público, para além da das ciências humanas?

Alexandre Avelar

A tarefa de delimitar conceitualmente um fenômeno complexo, e que se transformou bastante durante as últimas décadas, é sempre sujeita a múltiplas interpretações e qualquer tentativa de definição é certamente provisória e particular. Então, o negacionismo poderia ser definido sob diversos ângulos, sob diversas perspectivas. Eu gosto de tentar pensar a partir da ideia de que o negacionismo são práticas discursivas (sendo foucaultiano mesmo) que, em maior ou menor grau e a partir de interesses e expectativas diversos, negam certos aspectos da realidade que são evidenciados e atestados pela dita ciência normal. Com isso, tentando me estender na definição e nos seus dobramentos, eu acho que ela clareia um pouco três elementos que, para mim, são essenciais na discussão sobre o negacionismo contemporâneo. O primeiro tem a ver com o maior ou menor grau em que as práticas discursivas negacionistas negam certos fatos e fenômenos do mundo real. Essa diversificação das formas de negar indica que, a meu ver, o negacionismo dos nossos dias não pode ser equiparado ao paradigma clássico dos negacionistas do Holocausto que simplesmente afirma que o extermínio dos judeus não existiu. O negacionismo se sofisticou para além dessa negação pura e imediata da realidade, podendo se manifestar também através de distorções, de omissões, e talvez, muito mais, do que não é dito. Por exemplo, em algumas das produções negacionistas mais contemporâneas - eu penso aqui, no nosso caso, nos “guias politicamente incorretos” da história do Brasil - não se nega abertamente a existência da ditadura militar, mas constroem-se interpretações que omitem aspectos essenciais e já fartamente documentados pelos historiadores, como a tortura. Assim, chega-se a admitir o caráter autoritário do estado brasileiro entre 1964 e 1985, mas esse autoritarismo era justificável face à ameaça comunista. Outro exemplo é a negação de que a escravidão tenha estruturado a sociedade brasileira, tal como a conhecemos, e não a negação da escravidão em si. Trata-se de apresentá-la, nesse tipo de interpretação, como uma mancha moral, um desvio da rota civilizacional para a

qual estávamos destinados, quase uma aberração corrigida com a abolição e, portanto, sem efeitos duradouros. O que significa, portanto, também dizer: se a escravidão não estruturou a sociedade brasileira, e se ela foi um desvio de rota já corrigido, nós não temos nenhuma responsabilidade com esse passado e, assim, não fazem sentido quaisquer políticas reparadoras por parte do estado brasileiro. Então, isso não é propriamente uma negação da escravidão, mas uma negação dos seus efeitos, uma negação das suas consequências. Algumas dessas interpretações sobre o passado brasileiro, portanto, não exatamente negam a factualidade dos acontecimentos, mas negam seus resultados e constroem análises que os distorcem. Alguns autores têm chamado essas interpretações de revisionismo ideológico, por exemplo, mas elas também são, de certa forma, negacionismo. O segundo elemento que é contemplado por aquela definição tem a ver com o fato de que o negacionismo atende a diversos fins e expectativas. A Patrícia Valim tem falado muito dos negacionistas profissionais, aqueles que transformaram o negacionismo em um empreendimento comercial, que têm expectativas e interesses bastante diferentes daqueles que recebem a desinformação pelo *WhatsApp* ou que propagam notícias falsas através dos instrumentos digitais que conhecemos. É também importante compreender esta faceta mercadológica do negacionismo, e isso dialoga com um outro aspecto que pode ser desdobrado da sua pergunta: o modo pelo qual o negacionismo é um resultado direto de uma série de frustrações e de expectativas não realizadas do capitalismo contemporâneo. Eu gosto bastante de um artigo importante do Rodrigo Nunes, que foi publicado na Piauí, chamado, salvo engano, *Estamos em negação sobre o negacionismo?*¹⁰ Há neste texto uma questão fundamental: se o negacionismo tem essa ressonância, essa capilaridade no debate público, é porque há de fato muitas pessoas dispostas a acreditar naquilo, e talvez nós nos devamos perguntar o que leva tantas pessoas a pensar que o aquecimento climático não existe ou que não houve ditadura. Então, o que impulsiona tanta gente a acreditar nessas falsificações da realidade é que talvez exista uma grande frustração e expectativas não realizadas que fazem com que essas pessoas produzam outros mundos para escaparem do nosso. O Bruno Latour fala claramente que os negacionistas realizam uma fuga deste mundo, que não cumpriu com suas promessas de distribuição de riqueza, de enfrentamento das questões climáticas etc. Então devemos notar que as expectativas e os interesses quanto ao negacionismo são bastante difusos, mas há um pano de fundo comum que é uma crise institucional mais larga. O que está em jogo é o pacto moderno que definiu que certas ocupações são responsáveis pela produção de saberes científicos compartilhados socialmente. Esse pacto, que instaura a relação entre ciência e sociedade, foi profundamente abalado nos últimos anos e este abalo é o resultado de uma crise mais profunda. Há uma série de pesquisas e levantamentos, por exemplo, que indicam que a desconfiança em relação à ciência caminha junto com a desconfiança em relação aos partidos políticos, às instituições, ao judiciário, ao legislativo... Então, há uma descrença profunda que precisa ser compreendida e vai além da simples ignorância ou da falta de letramento científico. É um pouco ingênua a crença de muitos colegas historiadores de que vamos combater o negacionismo com mais História, mais produção historiográfica, embora, claro, isso seja um aspecto fundamental do problema. De fato, o negacionismo está ligado a uma crise institucional ampla

¹⁰ O artigo pode ser lido em: NUNES, Rodrigo. O presente de uma ilusão: estamos em negação sobre o negacionismo. *Piauí*. Ed. 147, março de 2021. Disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-presente-de-uma-ilusao/> > Acesso em 06 de fev. 2023.

que, por sua vez, se relaciona a uma crise sistêmica do capitalismo contemporâneo com suas promessas não cumpridas. As pessoas estão buscando soluções, saídas, e elas são convencidas de que esse mundo real não lhes dá respostas. Então essas expectativas são muito diversas. Obviamente, existe o negacionista profissional, aquele que faz do negacionismo quase um meio de vida, um empreendimento - e o bolsonarismo é lapidar nesse ponto -, mas para aquele que recebe a informação lá na ponta dessa rede que se estabeleceu, a partir dos dispositivos digitais, os anseios são outros. Então os negacionistas têm conseguido oferecer respostas para públicos muito diversos. Compreender a capilaridade desse fenômeno, portanto, passa por compreender a complexidade da crise institucional, política, econômica, cultural, enfim, que permeia toda a ascensão desse fenômeno. Por fim, eu acho que aquela definição ajuda também a entender que nem toda a realidade é negada. Nós não estamos aqui disputando a lei da gravidade. No campo historiográfico, ninguém está negando a existência das capitâneas hereditárias, mas sim de certos fenômenos que estão ligados mais diretamente às disputas políticas do presente, nas quais a interseção entre ciência e Estado é mais visível. Então há eventos e processos que são, preferencialmente, os alvos dos negacionistas: as questões relativas às mudanças climáticas, à saúde pública e às vacinas, aos passados sensíveis etc. Esses são temas que mobilizam o debate público pela sua intercessão com o Estado e suas políticas públicas. Outro aspecto relevante é que o negacionismo não é uma rejeição frontal da ciência. Negacionistas não são, por princípio, anticiência. E aqui eu menciono um exemplo para esclarecer um pouco: até hoje os antivacina se valem de um texto publicado numa revista importante de saúde, não sei se na *Nature*¹¹ ou em uma outra revista cujo nome agora me escapa. Foi um artigo muito citado, foi aprovado, passou por pareceristas, e que relacionava a vacina tríplice ao autismo infantil. O texto gerou uma enorme confusão e a revista foi muito criticada, pois o artigo era de fato extremamente frágil: como, portanto, ele foi aprovado? Mas os antivacinas sempre referenciavam esse texto como uma corroboração científica de que o autismo estava relacionado à vacina tríplice. Os negacionistas do Holocausto, como Robert Faurisson e David Irving, acreditam que é possível demonstrar empiricamente, por meio do método historiográfico consagrado da crítica das fontes, que o extermínio dos judeus não ocorreu. Steven Shapin tem um texto muito importante sobre o negacionismo contemporâneo, traduzido recentemente, em que ele aponta justamente para o fato de que os alvos dos negacionistas não são propriamente a ciência, mas um tipo de ciência vinculada cada vez mais aos interesses do Estado. Partindo dessa premissa alguns analistas acreditam que os negacionistas propõem uma *alt-science*, uma ciência alternativa¹². Acho que vale a pena nesse sentido, conferir os trabalhos da Letícia Cesarino, uma importante antropóloga, que tem pensado a possibilidade de os negacionistas não serem propriamente anticiência, mas os propositores de uma outra ciência. Em síntese qualquer definição para o negacionismo hoje deve operar a partir das complexidades do fenômeno, levando em conta as transformações ocorridas desde que o termo foi cunhado lá nos anos 1980, por Henry Rousso para designar especificamente aqueles que, se autodenominando revisionistas, não passavam de negadores do Holocausto.

¹¹ O artigo a que o entrevistado se refere foi publicado na revista *The Lancet* em 1998, a partir de um estudo realizado pelo médico britânico Andrew Wakefield. A revista se retratou tardiamente em 2010 e retirou o artigo dos seus arquivos.

¹² Trata-se do texto *É verdade que estamos vivendo uma Crise da Verdade?* Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/43/24> Acessado em 22 de fevereiro de 2023.

Observatório do Negacionismo

A próxima pergunta diz respeito a uma questão mais técnica, isto é, sobre o processo de aceite e publicação dos artigos científicos no dossiê da Revista Brasileira de História. Como é que ocorreu esse processo? Você poderia nos esclarecer mais um pouco?

Alexandre Avelar

Basicamente, como ocorre com todos os processos de publicação de dossiê de artigos. Como disse, a chamada foi pública e, em seguida, foi aberto um prazo para o envio dos artigos. Como organizadores, tivemos as prerrogativas de remeter os textos aos pareceristas e de oferecer sugestões pontuais. Os trâmites foram corriqueiros. Nós tivemos um bom volume de artigos submetidos à Revista, apesar de se tratar de um tema sobre o qual os historiadores ainda tateavam. Eu acho que é importante lembrar que, durante o período de recebimento dos artigos, nós realizamos uma série de *lives*, com diversos convidados, patrocinadas pela Revista Brasileira de História para divulgação do dossiê. Todas essas transmissões estão disponíveis no canal da ANPUH, no *Youtube*. Nós conversamos com Djamila Ribeiro, Vladimir Safatle, Márcia Tiburi, Lenio Streck, Simone Kropf, entre outros. Tivemos uma gama bastante diversificada de autores e o intuito, naquele momento, foi não apenas debater o negacionismo com esses intelectuais, mas também divulgar a chamada do dossiê. As *lives* tiveram uma boa circulação e, inclusive, em algumas delas tivemos a desagradável presença dos *trolls* da extrema direita que sempre aparecem nessas ocasiões. Em todo esse processo de construção da proposta do dossiê, da sua divulgação e da abertura para os artigos, a ANPUH e a Revista Brasileira de História tiveram um papel fundamental, nos oferecendo todo o suporte necessário.

Observatório do Negacionismo

E passado esse tempo, Alexandre, da publicação do dossiê, em outubro de 2021, como você o avalia? Quais outros temas poderiam ter sido abordados, observando hoje, e que não foram abordados, que poderiam ser tratados? Como você vê, é uma questão mais de balanço: como é que você avalia esse dossiê passado esse tempo?

Alexandre Avelar

Eu avalio de forma muito positiva. Eu acho que o dossiê teve um papel importante na amplificação do debate sobre o negacionismo entre os historiadores. Salvo engano, foi o primeiro dossiê específico sobre o tema publicado numa revista dita de alto extrato da CAPES, como é a Revista Brasileira de História. Depois nós tivemos, patrocinadas pela ANPUH, outras *lives* com os autores dos textos publicados no dossiê. Essas transmissões foram mais uma oportunidade para o debate sobre as inúmeras questões tratadas nos artigos. Então, eu acho que teve uma ressonância significativa. Recebemos respostas muito positivas dos colegas. De fato, foi um trabalho que teve o seu lugar e teve o seu papel na ampliação desse debate. Outros dossiês se seguiram. A *Revista Catarinense de História* publicou um número sobre negacionismo e usos

do passado que foi importante também¹³. A *Revista de Teoria da História*, lançou um dossiê sobre a tribunalização da História, que não é exatamente sobre negacionismo, mas que dialogou com o tema em alguns dos textos publicados¹⁴. Acredito que o dossiê da Revista Brasileira de História ajudou a animar o debate que já vinha acontecendo. Já tínhamos historiadores trabalhando com esse tema desde os anos 90, mas dada a urgência das questões que foram colocadas, sobretudo a partir da década de 2010, esse debate ganhou impacto, ganhou ressonância e o dossiê teve um papel importante na difusão dessas discussões. Particularmente eu gostaria de ter lido no dossiê algum texto sobre as relações entre negacionismo e ciência, pela via da história da ciência. Apesar do tema do negacionismo da ditadura ser muito debatido, ele passou apenas tangencialmente pelos textos do dossiê. Por outro lado, nós tivemos surpresas agradabilíssimas, como, por exemplo, um texto sobre o negacionismo no Japão, e outro com um debate teórico muito sofisticado sobre a seguinte questão: o que significa escolher um passado quando escrevemos a história e o que isso tem a ver com o negacionismo? Então, nós tínhamos algumas expectativas que não foram cumpridas, mas que foram compensadas pelo recebimento de textos cujas temáticas não imaginávamos que fossem comparecer no dossiê. Vale lembrar que quando você organiza um dossiê sobre um fenômeno de tamanha complexidade, o texto de apresentação é sempre desafiador. Então, nós, os organizadores, debatemos bastante sobre como apresentar os nossos próprios ângulos da discussão e a historicidade do debate, ao mesmo tempo verticalizando um pouco a discussão para o caso brasileiro e tentando chamar a atenção para as diferentes percepções do que o negacionismo significa, de acordo com as paisagens historiográficas e as próprias especificidades políticas, culturais, históricas de onde se fala. Especialmente em razão da diversidade muito grande de problemas e questões, acredito que o dossiê mostrou aos leitores a complexidade do fenômeno negacionista e serviu, de certo modo, como um estímulo para debates e publicações posteriores.

Observatório do Negacionismo

Saindo um pouquinho do roteiro, tentando desdobrar essa última questão, houve já algum *feedback* mais específico?

Alexandre Avelar

Sim, recebemos retorno de muita gente, muitos colegas escreveram comentando os textos, comentando o nosso texto de apresentação. Nos debates que eu pude acompanhar, os textos têm sido referenciados em outros artigos que tratam do tema. A recepção de um dossiê como esse é sempre difusa e vai desde as respostas diretas que os colegas nos dão através de *e-mails*, das felicitações e das provocações intelectuais, até referências aos artigos que vão surgindo em outros trabalhos, em teses, dissertações. Em algum momento talvez eu realize um mapeamento mais preciso dessa recepção em termos quantitativos. Quantos artigos do dossiê foram citados? Quais? Onde? Mas, a percepção mais geral é a

¹³ Trata-se do dossiê organizado pela revista *Fronteiras: revista catarinense de história*, publicado em 27 de janeiro de 2023. Mais informações em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/issue/view/193> Acessado em 06 de junho de 2024.

¹⁴ O referido número, publicado em 30 de julho de 2020, pode ser consultado em: <https://revistas.ufg.br/teoria/issue/view/2200> Acessado em 07 de junho de 2024.

de que a recepção da comunidade historiadora foi positiva, importante e estimulou de algum modo, como afirmei, a continuidade e o aprofundamento desse debate.

Observatório do Negacionismo

Como você relaciona o negacionismo e a historiografia brasileira? Como é que você enxerga a produção e o combate da comunidade historiadora nacional a respeito do negacionismo?

Alexandre Avelar

Eu tenho dito em outras oportunidades e repito aqui: eu vejo com otimismo. Os historiadores têm dado boas e diversificadas respostas ao negacionismo. Talvez tenhamos entrado, em relação a outros campos, tardiamente no debate, mas entramos bem, a meu ver. Nós já temos uma produção sobre o tema que remete ao final dos anos 90 e o início dos anos 2000, mas que, sobretudo a partir dos anos 2010, tem crescido bastante e tem contado com o envolvimento de muitos historiadores que nem eram, especificamente, voltados ao estudo do negacionismo. Então, temos visto publicações de livros, de artigos, de outros dossiês. Eu estou nesse momento, com o Leandro Pereira, da Universidade Federal de Juiz de Fora, trabalhando na organização de um livro sobre o tema com contribuições de autores brasileiros e estrangeiros. Temos visto muitos historiadores se mobilizando e participando ativamente de discussões públicas, de debates variados. A ANPUH, ressalto mais uma vez, especialmente nessa última gestão¹⁵, tem desempenhado um papel muito importante na amplificação desse debate, patrocinando eventos, *lives* e encontros diversos, mesmo com todos os limites da nossa visibilidade midiática. Nós sabemos que as Humanidades passam, mundo afora, por uma crise de legitimidade que impactou a própria visibilidade pública dos historiadores. O que é mais importante, a meu ver, é perceber no envolvimento dos historiadores nesse combate, que, repito, não passa, exclusivamente, pela oferta de uma boa historiografia profissional, coisa que já fazemos há um bom tempo, um esforço de politizar a questão, de compreender como o negacionismo é o efeito de uma crise política institucional mais vasta que precisa ser respondida também em outros níveis. Temos oferecido boas respostas e uma produção vigorosa que tem enfrentado o tema, pensando nas suas diferentes formas de abordagem, nas suas diversas perspectivas de análise, complexificando a questão, saindo da mera suposição de que o negacionismo é resultado da ignorância das pessoas em relação à ciência, em relação à História e que, portanto, mais ciência e mais historiografia seriam os antídotos para acabar com o problema. Por fim também tenho acompanhado com interesse a crescente ocupação e politização dos espaços digitais pelos historiadores com reflexões agudas sobre como as redes sociais são politicamente configuradas e o impacto disso na própria capilaridade do fenômeno negacionista. Então, é com um certo otimismo realista que eu tenho visto a atuação dos historiadores brasileiros nos embates contra o negacionismo.

¹⁵ Referência a gestão do historiador Valdeci Lopes de Araújo, que ocupou a diretoria da Associação no biênio 2021-2023.

Observatório do Negacionismo

Estamos vendo nas últimas semanas a situação dramática do povo Yanomami, bem como a questão da pandemia e todo o negacionismo da vacina. Então, como é que você vê a importância desse combate? Como é que você avalia o combate ao negacionismo científico?

Alexandre Avelar

Obviamente, reconhecemos imediatamente a urgência dos problemas e a pertinência dos debates que se seguiram. Entretanto, como assinalai, a resposta exclusiva pela defesa da ciência como a nossa tábua de salvação para o negacionismo, me parece incompleta, por um lado, e mesmo ingênua, por outro. Os negacionistas não estão operando dentro do regime de uma ciência normal, daquela que consagramos através do método científico, desde Descartes ao menos. Então, politizar a ciência, chamar atenção para os condicionantes políticos, ideológicos e de gênero que informam as práticas científicas, é também um debate muito importante a ser feito. Coisa que, por exemplo, alguns colegas já têm realizado, sobretudo, mulheres, quando interpelam a ciência também a partir dos marcadores de gênero, como Maria Glória Oliveira, a Simone Kropf, a Patrícia Valim. Fora do Brasil há a Naomi Oreskes, entre outras historiadoras, que tem produzido trabalhos importantíssimos. A defesa do método científico é um imperativo, mas não pode ser um fim em si mesma, a meu ver, no combate ao negacionismo. Nós precisamos politizar a ciência e defender uma ciência mais diversa, mais plural, mais inclusiva e, por isso mesmo, uma ciência melhor. Então, também nós devemos nos questionar o quanto a ciência foi restritiva em suas práticas, e como isso também contribuiu para a ascensão do negacionismo. A defesa da ciência é um princípio. Nós não podemos rejeitar jamais a ideia de que é possível construir consensos sobre a realidade. A ciência nunca trabalha com conclusões absolutas sobre o real, mas sobre consensos. É um consenso que o aquecimento global existe, mas, a partir daí, há uma série de discordâncias e divergências entre os estudiosos e eu acho que também é importante politizar essa ideia de consenso e como ele é construído no interior das práticas científicas. Há um problema de comunicação da ciência que precisa ser enfrentado e isso não significa transformar todo pesquisador, todo cientista em um *influencer*, mas chamar atenção, talvez no âmbito do próprio setor administrativo das universidades, para a necessidade de criação de espaços de divulgação científica. Eu tenho defendido que devemos ter pró-reitorias de divulgação científica nas universidades, com profissionais especializados que nem sempre são os próprios pesquisadores. Estes precisam, obviamente, dialogar com essa dimensão, mas a divulgação científica tem as suas especificidades, as suas particularidades que precisam ser consideradas. Então, o debate científico não pode se encerrar na simples defesa do método da ciência como uma tábua de salvação, como se todo o problema do negacionismo fosse relacionado ao fato de que as pessoas desconhecem a ciência e os fatos científicos e, uma vez que os conheçam, elas serão salvas, iluminadas por nós. Essa é uma percepção problemática que, do ponto de vista epistemológico, ignora décadas de filosofia da ciência, por exemplo. Então, o puro debate da aplicação imediata da ciência produzida e mediada por esses espaços consagrados, como as universidades, as instituições, me parece ser só um aspecto da discussão que devemos travar sobre o negacionismo científico. Eu acho que a complexidade dos problemas exige de nós também uma complexidade nas respostas. Não basta acharmos que vamos

iluminar os “bárbaros negacionistas” com as luzes da ciência, quando eles estão operando em um certo regime de investigação e de produção de resultados que lhes é próprio, que lhes é peculiar. Então, acho que politizar o negacionismo e a própria ciência que praticamos pode ser uma promissora via de enfrentamento dos desafios que nos são cotidianamente impostos pelos negacionistas.

Observatório do Negacionismo

A nossa última pergunta diz respeito ao futuro do negacionismo em termos de fenômeno histórico e objeto de pesquisa. Como é que você enxerga essa vida futura, digamos assim, do negacionismo? Ele continuará, seguirá como tema pulsante da esfera pública? Vai haver algum retrocesso? Enfim, como é que você faz essa projeção?

Alexandre Avelar

Os historiadores nunca são muito bons em previsões, mas eu arriscaria dizer que, devido às suas transformações ao longo do tempo e à complexidade de suas formas, o negacionismo é um fenômeno que veio para ficar. A meu ver, por dois fatores: o negacionismo se transformou em uma governamentalidade política de uma extrema direita que se fortaleceu no mundo, mesmo com as suas derrotas eleitorais mais recentes. Trump e Bolsonaro estão aí. Bolsonaro quase venceu as eleições, Trump, embora tenha perdido, teve mais votos, em números absolutos do que quando foi eleito. A extrema direita teve, em 2022, dois candidatos razoavelmente competitivos na França, que foram Éric Zemmour e Marine Le Pen. A extrema direita, de clara inspiração fascista, chegou ao poder na Itália e tem força política em outros países. E essa força, a meu ver, é, em boa medida, o resultado desse encapsulamento da política pelo negacionismo. Essa governamentalidade negacionista se tornou a própria forma de gestão da política. Este é um elemento novo. Claro que os negacionistas sempre se vincularam a grupos políticos fascistas, mas eles eram profundamente “guetizados” e com uma ressonância ínfima no espaço público. Então, o primeiro fator que explica a persistência e a força do negacionismo em nosso mundo contemporâneo é a sua associação com as forças de extrema direita que ascenderam eleitoralmente, nos últimos 10, 15 anos. O outro elemento, que é indissociável do primeiro, é a própria capilaridade do negacionismo que hoje tem as suas vias de difusão, de acesso e de amplificação inimagináveis há 20 anos. Atualmente, a possibilidade de produção desses conteúdos negacionistas é absolutamente sem precedentes e mesmo de natureza distinta em relação àquilo que nós conhecíamos há duas ou três décadas. A extrema descentralização da difusão das informações falsas torna difícil saber de onde vêm e para onde vão os conteúdos negacionistas. Isso tudo é muito distinto, nesse aspecto, do que era a lógica comunicacional de um negacionista como Robert Faurisson, por exemplo, que se tornou conhecido, sobretudo, quando o *Le Monde* publicou um artigo seu no final dos anos 1970. Então, veja, um jornal impresso que hoje se torna cada vez mais raro como veículo de comunicação foi o que tornou Faurisson famoso internacionalmente, nos anos 1970. Atualmente, a lógica é completamente diferente, mais capilarizada, mais complexa, o que torna esse fenômeno do negacionismo também mais duradouro. Então, eu diria que se trata de um fenômeno que veio para ficar, pelo menos por um bom tempo, e que vai nos exigir respostas. Mas, ao mesmo tempo, - eu tenho debatido isso com alguns colegas -, tudo isso vai nos convidar também a repensar as nossas práticas historiográficas, no sentido

também de sermos propositivos e não apenas reativos ao negacionismo. Nós não podemos passar a vida inteira a reboque de responder as mentiras dos negacionistas. Nós precisamos, se é que já tivemos algum dia, recuperar o protagonismo no debate público de modo propositivo também. Eu acho que isso é um desafio futuro permanente para a historiografia. Teremos que oferecer respostas para além da mera reação, da mera perspectiva defensiva. Por isso que eu tenho discutido a necessidade de pensarmos o negacionismo como um problema também epistemológico que vai nos obrigar a revisitar alguns temas da prática historiográfica que acreditávamos ter resolvido, como a própria ideia de verdade, de acontecimento etc. Então, o que imagino ser a duração prolongada do negacionismo exigirá de nós respostas e iniciativas igualmente prolongadas. Temos um longo caminho pela frente e espero que estejamos à altura dos desafios futuros.

Observatório do Negacionismo

Chegamos ao final. Você gostaria de acrescentar alguma questão? Reforçamos novamente nossos agradecimentos por você ter aceitado realizar esta entrevista.

Alexandre Avelar

Eu gostaria de recomendar, uma vez mais, o dossiê publicado pela Revista Brasileira de História, cujos textos oferecem um bom panorama das discussões mais recentes sobre o negacionismo e os usos da história. Neles vocês poderão encontrar referências a outros trabalhos importantes sobre esses temas. Há também, como já mencionei, outros dossiês que merecem leitura cuidadosa, como os da *Revista Catarinense de História* e da *Revista de Teoria da História*. Enfim, eu gostaria mesmo de convidar a todos a participarem desse debate e conhecer o trabalho dos historiadores, dos cientistas, dos cientistas sociais de uma forma geral que têm procurado responder a esse fenômeno que tanto nos perturba. Muito obrigado aos colegas do Observatório pela oportunidade desse diálogo. E que venham outros.

Observatório do Negacionismo

Muito obrigada por nos atender.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Alexandre; VALIM, Patrícia. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/> Acessado em 08 de junho de 2024.
- AVELAR, Alexandre; BEVERNAGE, Berber; VALIM, Patrícia. Apresentação. *Revista Brasileira de História*, Volume 41, Número 87, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/i/2021.v41n87/> Acessado em 08 de junho de 2024.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. ; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MORAES, Luiz Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, São Paulo, jul. 2011.
- NETO, Odilon Caldeira. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, Volume 2, Número 4, 2009.
- NUNES, Rodrigo. O presente de uma ilusão: estamos em negação sobre o negacionismo. *Piauí*. Ed. 147, março de 2021. Disponível em < <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-presente-de-uma-ilusao/> > Acesso em 06 de fev. 2023.
- REVISTA FRONTEIRAS: revista catarinense de história. Dossiê Usos do passado, ética e negacionismo, Número 41, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/issue/view/193> Acessado em 06 de junho de 2024.
- Revista *Hydra*. Dossiê História vai ao público: universidade, sociedade e negacionismo, Volume 4, Número 7, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/issue/view/740> Acessado em 08 de junho de 2024.
- Revista *INTER-LEGERE*. Dossiê Crítica da razão científica: sociologias do (des)conhecimento. Volume 3, Número 29, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/issue/view/1080> Acessado em 08 de junho de 2024.
- Revista *Teoria da História*. Dossiê Juridicização e tribunalização da história, Volume 23, Número 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/issue/view/2200> Acessado em 08 de junho de 2024.
- SHAPIN, Steven. É verdade que estamos vivendo uma crise da verdade? *Revista Brasileira de História da Ciência*, Volume 13, Número 2, 2020.

O negacionismo e a historiografia brasileira
Artigo recebido em 06/10/24 • Aceito em 11/11/24
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado